

Nestes termos, o conceito usual e muito divulgado do Cinturão Dom Feliciano carece de revisão, não mais podendo ser aceito com o simplismo de sua concepção, a nível de continente.

sympo = 0923828

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASEI, M.A.S. - 1985 - O Cinturão Dom Feliciano em Santa Catarina. São Paulo, 190p. Tese de Doutorado (IGc-USP)
- BASEI, M.A.S.; SIGA JR, O; MACHIAVELLI, A. & MANCINI, F. 1992- Evolução Tectônica dos Terrenos entre Os Cinturões Ribeira e Dom Feliciano (PR e SC). Rev. Bras. Geoc. 22 (2): 216-221.
- BASEI, M.A.S.; CAMPOS NETO, M.C. & SIGA JUNIOR, O. - 1994 - Geologia do Grupo Brusque na Região de Canelinhas, Sc. Resumos Expandidos do XXXVIII Congr. Bras. Geologia, SBG, Camboriú-SC. v.1: 243-244
- HALLINAN, S.E.; MANTOVANI, M.S.M.; SHUKOWSKY, W.; BRAGGION, Jr., I. - 1993 - Estrutura do Escudo Sul-Brasileiro: Uma revisão através de dados gravimétricos e magnetométricos. RBG, 23(3):201-214.

COMPLEXO RIO NEGRO - UMA UNIDADE ESTRATIGRÁFICA RELEVANTE NO ENTENDIMENTO DA EVOLUÇÃO DA FAIXA RIBEIRA

Miguel Tupinambá ⁽²⁾

Monica Heilbron, Adriana de Oliveira, Alípio J. Pereira, Edson R. S. P. da Cunha, Guilherme de A. Fernandes, Fábio N. Ferreira, J. Guilherme del Castilho ⁽³⁾

Wilson Teixeira ⁽⁴⁾

⁽¹⁾ Pesquisa financiada pela FAPESP, processo 95/4066-6

⁽²⁾ Fac. Geologia/UERJ; Pós-graduação, Inst. de Geociências/USP

⁽³⁾ Faculdade de Geologia/UERJ

⁽⁴⁾ Instituto de Geociências/USP

Na região central do Estado do Rio de Janeiro, em meio à Faixa Ribeira, afloram rochas migmatíticas denominadas por Matos et al. (1980) como Unidade Rio Negro, e por Penha et al (1980) como unidades Bingen, Maria Comprida e Santo Aleixo. São as rochas encaixantes do Batólito da Serra dos "rgãos e se distribuem em uma extensa área, da cidade do Rio de Janeiro até a região serrana fluminense (Barbosa & Sad, 1985). Neste trabalho os migmatitos são reinterpretados como um conjunto de quatro rochas ortoderivadas. Na maioria dos afloramentos, estão pre-

sentes pelo menos três tipos magmáticos, sendo difícil determinar o tipo predominante. Nestes casos, Salvador (1987) recomenda o nome "complexo" como termo estratigráfico. Propõe-se, portanto, utilizar o termo COMPLEXO RIO NEGRO para identificar este conjunto de rochas intrusivas.

Na região investigada, entre Sumidouro, Teresópolis e Itaipava (RJ), o Complexo Rio Negro é constituído por: a) diorito; b)tonalito; c)leucogranito; d) gnaiss porfiróide.

O diorito tem grão fino, é melanocrático, apresenta discreta foliação, e tem a seguinte composição média: plagioclásio (oligo-clásio), 40 %; quartzo, 8 %; biotita, 26 %; hornblenda, 20 %; titanita, opacos e zircão, 6 %. A hornblenda e a biotita são primárias, enquanto titanita, biotita secundária e opacos são formados por transformação metamórfica da hornblenda. A foliação encontrada no diorito é gerada por fluxo magmático, segundo critérios de Paterson et al (1989). É encontrado com maior frequência na região de Bom Jardim (RJ), onde Matos et al. (1980) reconheceram dois corpos homogêneos desta rocha, com cerca de 3,0 km². Corpos ainda menores, não mapeáveis, podem ser encontrados ao longo do complexo.

Tonalitos gnáissicos foram observados em todos os afloramentos estudados. São rochas mesocráticas, de grão médio, com foliação descontínua, composta por agregados planares de biotita e hornblenda. A composição mineralógica é semelhante à do diorito. Apenas a hornblenda é poiquiloblástica, e o teor de quartzo é maior que 20%. Ao microscópio, contatos lobados e quartzo anedral representam estágios magmáticos de cristalização (Paterson et al., 1989). É comum, todavia, o arranjo granoblástico entre plagioclásio, quartzo, e até mesmo hornblenda, sugerindo crescimento no estado sólido. Stocks de tonalito foram encontrados 6,0 km a sudeste de Sumidouro (RJ), e Pinto et al. (1980) os incluíram no Batólito da Serra dos órgãos. A composição mineralógica e as relações com as outras rochas do Complexo Rio Negro sugerem, no entanto, seu posicionamento neste complexo.

Dioritos e tonalitos associam-se de forma variada. Muitas vezes são encontrados bolsões tonalíticos em meio ao diorito, com bordas enriquecidas em biotita. Enclaves dioríticos em processo de assimilação pelo tonalito também sugerem uma idade mais velha para o diorito. Em outras situações, porém, material diorítico parece penetrar em domínios tonalíticos homogêneos. As texturas encontradas também são contrastantes. No diorito, é comum um arranjo de fluxo primário, enquanto que no tonalito texturas granoblásticas são encontradas. Tal relação indica mobilidade magmática do diorito e recristalização no estado sólido para o tonalito. Os contrastes texturais e as relações de campo sugerem, portanto, uma evolução pontuada na cristalização dos dois tipos magmáticos, sem indicação de antiguidade entre eles.

Corpos tabulares de leucogranito também são característicos do Complexo Rio Negro e apresentam contatos abruptos e discordantes com a foliação de dioritos ou tonalitos. Claramente, é um tipo magmático mais novo. Ocorre em forma de diques

1996, Salvador, Anais, v. 6.

e sills de espessura decimétrica a métrica. Pode desenvolver corpos maiores, de alguns quilômetros, na forma de soleiras, que foram descritos por Barbosa & Sad (1985) como gnaisses granitóides da Unidade Rio Negro. O índice de cor é sempre muito baixo e a composição, em geral, granítica. Alguns corpos, no entanto, são isentos de feldspato alcalino, resultando numa composição tonalítica. Estes leucotonalitos podem representar trondhjemitos, e foram classificados como quartzo dioritos por Barbosa & Sad (1985).

O gnaiss porfiróide é a rocha mais nova do Complexo Rio Negro. Predomina nos arredores de Itaipava, onde foi descrito por Penha et al. (1981) e Souza (1983), com parte da Unidade Maria Comprida. Trata-se de um gnaiss com megacristais de microclina mal formados, sem arestas definidas, muitas vezes amendoados. A matriz é granodiorítica, com hornblenda e biotita em abundância. Apresenta uma certa afinidade com o granodiorito do Batólito da Serra dos "rgãos" (Barbosa & Sad, 1985), com o qual apresenta contatos gradacionais, como pode ser observado na rodovia BR-040, 1,0 km a norte da entrada de Pedro do Rio (RJ).

Vários autores interpretam as rochas do Complexo Rio Negro como embasamento retrabalhado no ciclo Brasileiro (Machado & Demange, 1992; Heilbron, 1995). Não se conhece, no entanto determinações geocronológicas no âmbito do complexo. No momento, estão sendo realizadas determinações Rb/Sr no Complexo Rio Negro no Cepege/ USP, utilizando-se amostras de diorito e tonalito da região de Sumidouro (RJ), como parte do projeto de doutoramento do primeiro autor deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A.L.M. & SAD, J.H.G. - 1985 - Batólito granítico da Serra dos "rgãos", Estado do Rio de Janeiro, Brasil. in Contribuições à Geologia e à Petrologia, Bol. especial SBG/MG: 49-61.
- HEILBRON, M.C.P.L. - 1995 - O Segmento Central da Faixa Ribeira: síntese geológica e ensaio de evolução geotectônica. Tese de Livre Docência. Fac. Geologia/UERJ, Rio de Janeiro, 110 pag., inédito.
- MATOS, G.M.M.; FERRARI, P.G. & CAVALCANTE, J.C. - 1980 - Projeto faixa calcária Cordeiro-Cantagalo. Rel. Final, vol. I. CPRM, Belo Horizonte, 620 pag., inédito.
- PENHA, H.M.; FERRARI, A.L.; JUNHO, M.C.B.; SOUZA, S.L.A. & BRENNER, T.L. - 1981 - Projeto Folha Itaipava, rel. fin., vol. I. Projeto Carta Geológica do RJ, DRM/IG-UFRJ, 177 pag., inédito.
- MACHADO, R. & DEMANGE, M. - 1994 - O Batólito cordilherano Serra dos "rgãos: um exemplo de arco magmático Brasileiro com assinatura toleítica no Sistema de Cisalhamento Paraíba do Sul. in CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 38. Camboriú, 1984. Anais...Camboriú, SBG, v. 1, p. 114-115.
- PATERSON, S.R.; VERNON, R.H. & TOBISCH, O.T. - 1989 - A review of criteria for the identification of magmatic and tectonic foliations in granitoids. J. Struc. Geol., 11: 349-363.

PINTO, C.P.; SERPA, J.C.; DUTRA, J.E.B.; HETTICH, M.; ANDRADE, N.T. - 1980 - Folhas Anta, Duas Barras, Teresópolis e Nova Friburgo - Rel. Final, vol. I. Proj. Carta Geológica do RJ. Geosol/DRM Niterói, 317 pág., inédito.

SALVADOR, A. - 1987 - Stratigraphic classification and nomenclature of igneous and metamorphic rock bodies. Geol. Soc. Am. Bull, 49:440-442.

SOUZA, S.L.A. - 1983 - Geologia da região de Itaipava-Araras (RJ). Dissert. Mestrado, Inst. Geociências UFRJ, Rio de Janeiro, 137 pág., inédito.

THE BRASILIANO OROGENY (590-520 Ma.) AT THE CENTRAL SEGMENT OF RIBEIRA BELT, SE BRAZIL

Monica Heilbron*, Cláudio Valeriano*, Cláudia Valladares*, Nuno Machado**, Júlio Cesar Horta de Almeida*, Miguel Tupinambá*, Beatriz Paschoal Duarte*

*UERJ

**UQAM

The structure of the central segment of the Ribeira fold belt, southeastern Brazil, is defined by three crustal thrust sheets which override the autochthonous domain, towards the southern portion of the São Francisco craton. Based on their structural position, these domains are named as: lower, central and upper. Normal folds and dextral subvertical shear zones disturbs the previous compartmentation.

Besides the Brasileiro granitoid rocks, four lithotectonic associations could be individualized within the tectonic domains (Heilbron, 1995): a) basement rocks (pre-1,8 Ga. rocks), b) orthogneisses of unknown ages; c) metasedimentary cover, including Meso to Neoproterozoic supracrustal rocks, and d) minor deformed metabasic dykes and disrupted lenses of continental tholeiitic geochemical signature (Pacciullo, 1992). The last association marked different extensional periods (Ribeiro et al., 1990) during the Meso to Neoproterozoic interval.

The basement association of the lower and central domains comprises gneissic-granulitic terrains with widespread Eoproterozoic granitoids. The cover of both domains is represented by psamitic gneisses with quartzitic and pelitic intercalations, overlain by pelitic gneisses with minor quartzite, calcsilicate and manganese rich-rocks. On the contrary, the basement and cover associations of the upper domain are quite distinctive. The former is represented by Eoproterozoic calcalkaline granitoids with basic and calcsilicate enclaves, and the latter, by a psamo-pelitic metasedimentary sequence with abundant carbonatic intercalations.